



Gente que faz



Quatro anos depois da publicação do livro "Recursos Humanos para o Agronegócio Brasileiro", a nova publicação, "Recursos Humanos e Agronegócio: a evolução do perfil profissional", mostra claramente que o trabalho pioneiro que começou em 1997 na Universidade Federal de São Carlos, que embasou a dissertação de mestrado da diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, teve grande repercussão no setor e na academia. A publicação desse novo estudo, coordenado pelo professor dr. Mário Batalha, do GEPAI da UFSCar, seguiu os mesmos parâmetros, comparando o perfil demandado pelos agentes socioeconômicos do agronegócio brasileiro e a oferta de profissionais oriundos dos cursos superiores.

A análise comparativa entre os dois trabalhos mostra uma evolução positiva. A oferta de cursos de graduação em agronegócio aumentou em 2.400%, no período de cinco anos, passando de 4 para 100. Além disso, cursos específicos ligados à área de engenharia de alimentos, meio ambiente e administração incorporaram disciplinas voltadas especificamente para o setor, ajustando, em parte, a oferta e a demanda. Para o professor Batalha este ajuste com certeza ocorreu em função da pesquisa anterior, mas segundo ele, ainda existe um longo caminho a ser percorrido.

A pesquisa foi aplicada em um expressivo conjunto de empresas de setores do agronegócio, que atribuíram pontuações a cada um dos



tópicos relacionados: Qualidades Pessoais, Comunicação e Expressão, Economia e Gestão, Métodos Quantitativos Computacionais/Sistema de Informação, Tecnologias de Produção e Experiência Profissional Desejada.

Os resultados permitem afirmar que as habilidades e os conhecimentos considerados como mais importantes pelas empresas enquadram-se nos tópicos de "Qualidades Pessoais" e "Comunicação e Expressão", como flexibilidade, iniciativa, capacidade de tomada de decisão, negociação, trabalho em grupo, relação interpessoal e alto padrão ético.

Fica evidente que as empresas esperam do profissional mais do que as habilidades técnicas adquiridas durante o curso superior. Estas podem ser adquiridas durante o período de integração e adapta-

ção, na cultura da própria empresa.

A "Economia e Gestão", vem em seguida no perfil profissional demandado. É um requisito importante na seleção, onde o candidato é avaliado pelos conhecimentos e pelo renome e legitimidade da instituição de ensino na qual se graduou.

A grande mudança, em relação à pesquisa anterior, ocorreu nos tópicos "Métodos Quantitativos Computacionais/SI" e "Tecnologia de Produção" que inverteram suas posições, aparecendo nesta ordem. A explicação

pode estar no fato de que as tecnologias de produção abrangem conhecimentos técnicos de campo e da indústria, e não da área de gerenciamento.

Em última posição na hierarquia de demanda está a "Experiência Profissional Desejada". A maior parte das empresas possui meios próprios de treinamento e qualificação de seus recursos humanos, o que explica o fato. Mas os estágios durante o período acadêmico são muito valorizados.

A moderna visão do agronegócio brasileiro tem nos recursos humanos seu grande trunfo. A publicação é uma colaboração importante para as instituições de ensino, para os profissionais e para o agronegócio brasileiro, que apesar do seu potencial, ainda ocupa uma posição relativamente modesta no comércio mundial.

Sustentabilidade

O Congresso Brasileiro de Agribusiness, realizado pela ABAG, já faz parte da agenda do agronegócio brasileiro. Um setor tão pujante e dinâmico requer constante revisão e atualização. Isto é o que vem sendo feito desde sua primeira edição em 2002, quando foi projetado o potencial de crescimento do agronegócio, até 2010 e discutidos os instrumentos que deveriam ser desenvolvidos para que isso se concretizasse: produção de 160 milhões de toneladas de grãos e 25 milhões de toneladas de carnes.

No segundo Congresso, em 2003, foram discutidas as estratégias que precisavam ser construídas, como qualificação dos recursos humanos, novas alternativas de comercialização e parcerias, investimentos em logística, e a necessidade de definição de um marco regulatório para a biossegurança.

Em 2004 foram tratadas questões-chave para o desenvolvimento sistêmico das cadeias produtivas, em seu contexto mais amplo, da pesquisa ao consumidor. Um exercício de paciência, onde foram destacados os principais entraves ao desenvolvimento do setor, com foco na criação de vantagens com-

petitivas. Na pauta temas recorrentes: logística, políticas tributária e fiscal, defesa sanitária e negociações internacionais.

Para o 4º Congresso, realizado em São Paulo nos últimos dias 23 e 24 de junho, o tema escolhido foi "Alimentos, Energia e Sustentabilidade", assuntos que, por sua importância, foram discutidos nos anos anteriores, mas que mundialmente começam a ser encarados de forma diferente, seja pelo custo dos combustíveis fósseis, ou pelas "barreiras tarifárias" que começam a perder sustentação e incentivam o aparecimento de outras, como as ambientais.

No discurso de abertura o presidente da ABAG Nacional, Carlo Lovatelli,



Carlos Lovatelli, Presidente da ABAG; Geraldo Alckmin, Governador de São Paulo; Antonio Duarte Nogueira Jr., Secretário da Agricultura

deixou bem clara a posição da Associação, que tem um papel importante no alinhamento de outras entidades e parceiros, que precisam caminhar juntos e terem afinados seus discursos. O ideário, como disse Lovatelli, já foi levantado e não pode ser desprezado, mas estratégias precisam ser consolidadas, com ações que integrem o público e o privado de maneira que não sejam descaracterizadas as obrigações inerentes a cada um. Lovatelli tocou também em outros assuntos importantes, como o respeito ao

direito à propriedade, e a necessidade de planejamento e ordenamento territorial. A preservação ambiental é uma preocupação de todos os agentes do agronegócio, mas no campo, a indefinição de regras e de um amplo ordenamento, que começa com a elaboração do ZEE (Zoneamento Ecológico Econômico), aumenta a incerteza, inibe investimentos e gera insegurança.

O Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, disse ter com saudades do tempo em que estava do outro lado da mesa, elaborando diagnósticos completos e perfeitos, mas completou: "Não é possível tratar o Estado como inimigo. Achei que em 6 meses resolveria os problemas, mas não

funciona assim. Há uma enorme influência de fatores que limitam o atendimento de todas as demandas. As coisas são mais difíceis do que os sonhos que todos temos, mas é preciso continuar sonhando".

O Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, que também prestigiou a cerimônia de abertura, falou dos esforços que o Estado está fazendo em relação ao agronegócio, reduzindo alguns impostos, contratando pesquisadores e incentivando o programa de microbacias.

Na platéia a expectativa para o início dos trabalhos era grande, principalmente em função do momento delicado que atravessa o agronegócio brasileiro. Cerca de 500 pessoas, entre empresários de todos os elos das cadeias produtivas, consultores, políticos, jornalistas, acadêmicos e pesquisadores, participaram do IV CBA.

O painel tema do Congresso: "Alimentos, Energia e Sustentabilidade", foi aberto por Willian Westman, Conselheiro de Agricultura da Embaixada dos EUA no Brasil. Depois de traçar um panorama da agricultura americana, que não sofreu grandes mudanças nos últimos 40 anos: cultiva 174 milhões de hectares, 19% de sua área, ao contrário do

(...) empresas que investem em inovações tecnológicas faturam 100 vezes mais, pagam salários 3 vezes maiores e exportam a preços 30% superiores aos dos concorrentes

(...) o Amazônia preocupar ser revisto deixar vulne internacio Dá a impr ela est dest

de: ter para ser



do Estado de São Paulo; Roberto Rodrigues, Ministro da Agricultura; ... - SP, compuseram a mesa de abertura do 4º CBA

precisa ser revisto para não deixar o país vulnerável internacionalmente, com a impressão que ela está sendo destruída. O Brasil não pode esquecer que a “Amazônia” extrapola suas dimensões territoriais e deve, junto com outros países da fronteira, mostrar ao mundo a capacidade de gerenciá-la.

No segundo dia de Congresso o tema foi: Tendências Mundiais. O primeiro painel versou sobre açúcar e energia renovável, borracha natural, algodão e têxteis. O segundo, grãos e carnes e exigências sanitárias e, o terceiro, infraestrutura e logística e comércio internacional. A palestra “Ameaças e Oportunidades ao Agronegócio” do economista Eduardo Gianetti da Fonseca, confirmou que o Brasil tem tudo para ser o grande beneficiário do crescimento da demanda mundial por alimentos, como previu a FAO, mas isto, não vai significar vida tranqüila, maiores preços ou maior rentabilidade. O mercado estará mais exigente ambiental e socialmente. O Brasil precisa se preparar logo. O futuro já chegou. Os gargalos estruturais, políticos e tecnológicos já são amplamente conhecidos e é preciso agir.

O Ministro do Desenvolvimento Indústria e Comércio, Luiz Fernando

Furlan, na palestra de encerramento, falou sobre as expectativas do mercado internacional e apontou os desafios internos e externos.

O alinhamento de todos os participantes do Congresso demonstrou o quanto o setor produtivo tem se esforçado para fazer o Brasil trilhar o caminho traçado lá atrás, quando nem mesmo era potência produtiva, mas já era apontado como “celeiro do mundo”. Os avanços do país têm guiado os esforços da ABAG, no interesse maior do agronegócio, e para o próximo Congresso o que se espera é que seja possível comemorar uma mudança no patamar dos temas abordados nas 4 edições do Congresso Brasileiro de Agribusiness.

Brasil que utiliza apenas 5% de sua área agricultável, conclui.

“O futuro da agricultura está no Brasil. Trabalhando juntos, Brasil e EUA, poderão ter sucesso na solução de geração de energia e produção de alimentos no futuro”.

O presidente da Embrapa, Silvio Crestana, discorreu sobre os 10 maiores problemas para a humanidade nos próximos 50 anos: energia, água, alimento, meio ambiente, pobreza, educação, democracia, poluição, doenças, terrorismo

guerra. Problemas que exigem soluções políticas e científicas, mas que com certeza vão gerar conflitos, já que será preciso aumentar a produção de energia e alimentos. Didaticamente o presidente da Embrapa mostrava os conflitos e apontava as possíveis

soluções. No meio ambiente, por exemplo, afirmou que o desenvolvimento tecnológico tem diminuído sensivelmente a pressão pela expansão das fronteiras agrícolas, e que um sistema de gestão territorial, baseado num Zoneamento Ecológico e Econômico, ZEE, é o melhor investimento que o país pode fazer para conhecer de fato suas potencialidades e limitações. Sobre energia, lembrou que a fotossíntese trabalha favoravelmente para

o Brasil, e que os países desenvolvidos estão buscando soluções tecnológicas, o que nos dá 10 anos de prazo para ocupar este espaço, pois a tecnologia do álcool combustível já está nas ruas e é econômica, social e ambientalmente positiva. E completou: É preciso investir em inovações tecnológicas. Os países desenvolvidos investem 2,25% de seu PIB. No Brasil esse número beira o 1%. As PPPs podem ser o melhor caminho. Pesquisas do IPEA (2005) mostram que empresas que investem em pesquisa faturam 100 vezes mais, pagam salários 3 vezes maiores e exportam a preços 30% superiores aos dos concorrentes.

O Embaixador Marcos Azambuja, hoje Presidente da Fundação Casa França-Brasil, falou com a experiência de quem prestou um trabalho incansável de promoção dos negócios e das relações sócio-culturais em favor do Brasil. Deu uma aula de relações internacionais, começando com a criação da União Européia, no final da 2ª Guerra Mundial, até os dias atuais, analisando as relações Brasil e UE e “aconselhando” que o país se aproxime da OCDE, onde as regras são formuladas. Sobre meio ambiente foi categórico: o termo Amazônia Legal é preocupante,

(...) o crescimento da demanda mundial por alimentos, como previu a FAO, vai favorecer o Brasil, mas não vai significar vida tranqüila, maiores preços ou maior rentabilidade

Jeriquara: lugar perfeito para o café

Foto: Prefeitura Municipal

Jeriquara é o menor município da Alta Mogiana. Com 3260 habitantes, tem 41 anos e uma história pouco comum no interior de São Paulo. Como em quase todos os municípios paulistas, suas terras foram doadas por fazendeiros em louvor a determinados santos. Em 1876, foram doados 44,3 alqueires ao "Glorioso São Sebastião". Uma situação tranquila até 1937, quando os herdeiros das terras a pediram de volta alegando que a igreja nunca havia feito uso delas. A briga na justiça se estendeu até 1951. Jeriquara, na língua tupi-guarani, significa "pouso" ou "morada" de papagaios, pássaros que ainda hoje pernoitam na região em suas rotas migratórias.

Com um orçamento de R\$ 5 milhões, Jeriquara depende de repasses federais e estaduais para sobreviver. A receita própria não chega nem a 1% desse total. O maior empregador urbano é a Prefeitura. São 201 funcionários. O comércio e os serviços também empregam pouco na cidade, e é no campo que a população encontra ocupação. Como o forte da cidade é o cultivo de cana-de-açúcar e de café, a oferta de empregos é maior em abril/maio, época em que a vida "corre" melhor para todos. Uma situação que fez a Prefeitura mudar a época de cobrança do IPTU e do ISS, que normalmente ocorrem em janeiro, mas em Jeriquara, vencem em maio. Segundo o Prefeito Alexandre Borges: "é preferível demorar um pouco para receber do que não receber nada". O problema da entressafra a Prefeitura pensa em amenizar criando frentes de trabalho a partir do próximo ano, já que 67% da população economicamente ativa da cidade atua no setor primário.

A infra-estrutura local é satisfató-



ria, com 100% de água e esgoto tratados, coleta regular de lixo, iluminação e asfalto em praticamente toda a área urbana. No campo da saúde uma Unidade Básica atende toda a população, e os casos mais graves são encaminhados para cidades vizinhas. A educação era um dos pontos fracos da cidade, tanto que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Jeriquara era um dos mais baixos da região. A situação está mudando em decorrência de novos investimentos em educação. Uma parceria firmada com uma rede particular de ensino garante aos 800 alunos do ensino municipal, do pré à 8ª série, material didático diferenciado e aperfeiçoamento dos professores. Para os que já estão na faculdade a Prefeitura fornece

das propriedades já se praticam uma agropecuária que emprega de média a alta tecnologia. O plantio direto e a irrigação por gotejamento já fazem parte da realidade da maioria.

Jeriquara tem até sua "Agrishow". Na verdade, um dia de campo que a Cooperativa dos Cafeicultores de Franca realiza há nove anos, no início do mês de junho, em uma fazenda no município. Neste ano, 34 empresas participaram e 800 produtores passaram por lá. O 4º Concurso Estadual de Qualidade do Café foi lançado durante o evento. Mas não foi por acaso. O vencedor do Concurso do ano passado, na categoria "Natural", colheu seu café numa propriedade de 48 hectares na cidade. O produtor Antonio Basso garante que a localização de Jeriquara, a 930 metros de altitude, foi um dos fatores que elevaram a qualidade do seu café vencedor.

Basso, é claro, contou com o bom manejo da lavoura para levar o prêmio. O café "Natural" é colhido apenas quando está praticamente seco, tempo para que todo o açúcar da casca passe para o grão. As 30 sacas inscritas no concurso foram arrematadas por R\$ 1.500,00 cada.

Agregar valor à produção agrícola é uma das prioridades para Jeriquara.

